

BRASÍLIA SOFRE COM AS MEDIDAS

Comércio e indústria devem demitir 20 mil nos próximos meses e obras do metrô podem ser comprometidas com cortes no orçamento

Philio Terzakis
Da equipe do **Correio**

Narda Camargo teve um pesadelo. O diálogo no local de trabalho com o colega Luís era difícil. Não entendia o porquê de estar implorando a ele: "Por favor, acredite em mim! Eu era uma menina rica! Juro que era." Foi quando acordou assustada.

Narda foi mesmo rica, quando morava com a família em Petrópolis (RJ). Hoje, aos 41 anos, é uma funcionária pública endividada. O drama teve início há três anos, no início do Plano Real. A compra de um carro novo, os gastos com juros do cheque especial, com a escola dos filhos, com o condomínio e mais as "miudezas do dia-a-dia", como ela diz, resultaram numa dívida acumulada em R\$ 25 mil.

No ano passado ela vendeu um apartamento para pagar a dívida. Pouco tempo depois, já devia mais R\$ 25 mil. Agora, para completar, veio o pacote fiscal, justamente quando pensava que resolveria o problema, graças a um empréstimo do Banco Cooperativo S/A, que tem uma agência no Ministério da Agricultura, onde trabalha.

A ameaça do governo federal de demitir 33 mil servidores públicos no país tornou o clima pesado no ambiente de trabalho. Ela acha que não está na lista, mas teme pelos colegas. Mesmo que não seja demitida, o esperado aumento não virá tão cedo e, além disso, a mordida do *leão* será 10% maior.

DEMISSÕES

O pacote não provocou pânico apenas entre servidores públicos. Contagiou o comércio, a indústria e o governo do Distrito Federal também, que passaram a viver dias mais tensos. Até porque, não resta dúvidas: com as novas medidas, o Natal será fraco e haverá recessão. Brasília sentirá fortemente os efeitos do pacote.

Não é para menos. No Distrito Federal, o funcionalismo público é responsável por 54% do total da renda das pessoas ocupadas, segundo dados da Companhia de Desenvolvimento do Planalto Central (Codeplan). Os servidores formam a maior clientela do comércio, responsável por mais de 70% da arrecadação da cidade. A indústria responde por cerca de 10%.

A previsão do coordenador de

Análise Econômica da Codeplan, Júlio Miragaya, é de que sejam demitidos em Brasília de 3 mil a 15 mil funcionários públicos. "E não é só isso. O corte previsto de 15% nas despesas de custeio poderá causar a demissão dos que trabalham em setores terceirizados do governo, como os de manutenção e limpeza", acredita.

O presidente da Federação do Comércio de Brasília (Fecomércio), Sérgio Koffes, estima que o setor dispensará de 5 mil a 10 mil trabalhadores até o início do próximo ano. "Na indústria, serão demitidos mais uns 10 mil até fevereiro", acrescenta o presidente da Federação das Indústrias de Brasília (Fibra), Lourival Dantas. Atualmente, Brasília já possui 156,6 mil desempregados, segundo a Codeplan.

SEM GASTOS

Nas lojas, o clima é de apreensão. "Se tivesse que pagar aluguel do prédio, já teria fechado as portas há muito tempo", diz o comerciante Emir Kamel, 28 anos, um dos donos da Central Colchões, na W3 Sul. A queda das vendas já vinha acontecendo. O movimento caiu quase à metade no último ano, quando demitiu cinco dos sete funcionários que tinha.

"É triste tirar o emprego das pessoas, mas é o jeito", lamenta Vera Lúcia Grassio, 50 anos, dona da Drograria Drogaminas, na Asa Sul. Ela calcula que precisará dispensar alguns dos seis funcionários da farmácia nos próximos meses. "Essa é a pior época desde que chegamos aqui, há 14 anos. O movimento diminuiu 50% em relação ao ano passado."

O comércio também espera o crescimento da inadimplência. Hoje, os inadimplentes representam de 20% a 25% da população economicamente ativa — cerca de 210 mil pessoas, segundo o registro do Serviço de Proteção ao Crédito (SPC). Apenas entre janeiro e setembro deste ano, o crescimento da inadimplência foi de 36,1%, em comparação com igual período do ano passado.

Narda, a funcionária do Ministério da Agricultura não quer mais fazer parte da lista de devedores em atraso. Por isso, passa longe das vitrines e ignora qualquer promoção. Antes, comprava jóias a cada três meses. "Hoje, não compro nada", garante. Até trocou o carro novo

Jorge Cardoso



Narda: de menina rica a funcionária pública endividada. Expectativa de aumento do salário e plano de regularizar as dívidas estão ameaçadas pelo pacote

por um mais antigo para se livrar das prestações.

PACOTE

Na indústria, os pedidos feitos pelos comerciantes passaram a ser cancelados. No setor de vestuário, um dos mais importantes, 32% dos pedidos foram suspensos. "Só o anúncio das medidas já retraiu a produção. O Natal será difícil. Janeiro e fevereiro, que já

são normalmente meses fracos, serão piores ainda", prevê Dantas.

Até outubro, Dantas acreditava que o crescimento econômico do Distrito Federal ficaria entre 2% e 3% no ano. Agora, a perspectiva é outra. O secretário de Fazenda do DF, Mário Tinoco, aposta em uma queda do índice. A Codeplan prevê a retração econômica durante três meses. "Depois disso, se os juros caírem, até po-

derá haver uma pequena recuperação da economia", avalia Miragaya.

Além das demissões e do arrocho salarial, Tinoco teme ainda cortes no orçamento da União e nas transferências para o DF. É que a União é responsável pelo custeio e pagamento de pessoal de parte da área de segurança e de educação em Brasília. "E os cortes nos investimentos poderão prejudicar emendas coletivas, como no

caso das obras do metrô", exemplifica.

O secretário garante que, por enquanto, não há previsão de demissão de funcionários do governo distrital. Mas não descarta a possibilidade de o governo lançar no próximo ano um pacote fiscal, com corte de despesas e aumento de fiscalização. "Vai depender da reação do mercado. Por ora, a nossa arrecadação cobre as despesas", diz.